
VIOLÊNCIA, MASCULINIDADE E AÇÃO POLICIAL: INTERSEÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE EM TROPA DE ELITE

Jonas Henrique de Oliveira¹

Resumo: Este artigo visa refletir a relação entre violência, masculinidade e ação policial a partir da análise do filme Tropa de Elite, lançado em 2007. Neste filme, é possível observar a atuação do personagem principal, Capitão Nascimento, e compreender a visão de mundo de policiais que atuam no combate a violência na cidade do Rio de Janeiro, assim como refletir as fronteiras entre as práticas policiais no BOPE e nas tropas convencionais. Nossa intenção é problematizar como e até que ponto ficção e realidade se misturam produzindo efeitos que permitem uma melhor compreensão da realidade social no Brasil em múltiplas perspectivas.

Palavras-chave: Violência, masculinidade, polícia, autoritarismo

Abstract: This article seen to reflect a relationship between violence, masculinity and police action from the Elite Squad movie review, released in 2007. In this film, it is possible to observe a performance to main character, Captain Nascimento, and understanding worldview of police who work to combat violence in the city of Rio de Janeiro, as well as reflect between border police practices as the BOPE and conventional troops. Our intention to question how and to what fiction and reality point mix producing effects that allow a better understanding of social reality in Brazil in multiple perspectives.

Keywords: Violence, masculinity, police, authoritarianism

¹ Professor Efetivo da Universidade Estadual do Piauí.

1. Introdução:

O objetivo deste artigo é analisar o filme *Tropa de Elite* (2007) que trouxe ao público brasileiro uma linguagem audiovisual muito instigante e que possibilita uma boa compreensão de nossa parte de nossa realidade social. Nele, é possível observar práticas de policiais militares que atuam no Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e sua complicada relação com a criminalidade, assim como com as “tropas convencionais” que atuam na cidade do Rio de Janeiro com a finalidade de manter “a lei e a ordem”. A intenção aqui é refletir como e até que ponto é possível relacionar violência e masculinidade a partir de uma obra de ficção permeada de realidade.

A análise de um filme que aborda o universo policial não é tarefa fácil. O exercício de refletir uma realidade tão complexa e multifacetada é, por si só, tarefa muito difícil para os limites impostos por um artigo. A dificuldade também se faz presente quando é necessário recortar o objeto para trazer à tona uma discussão de interesse do pesquisador e, ao mesmo tempo, deixar fora da análise elementos importantes para a compreensão do objeto proposto. É importante salientar que a compreensão das práticas policiais é complexa e desafiadora, pois a polícia apresenta-se aparentemente homogênea, mas que compreende uma enorme diversidade de práticas, de pessoas e intenções.

O Brasil vem passando por importantes transformações em suas relações sociais, permitindo análises mais profundas sobre a realidade social que por aqui se engendrou. Nas últimas décadas surgiu nas ciências humanas um interesse maior por compreender práticas e ações de grupos sociais que, durante muito tempo, estiveram ausentes das pesquisas dos cientistas sociais. Por outro lado, estes grupos ganharam destaque como sujeitos importantes a serem investigados porque, no caso da violência urbana, são de fundamental importância para a compreensão deste fenômeno social que desafia pesquisadores de muitos países. Deste modo, diferentes grupos passaram a fazer parte das abordagens sociológicas tais como: moradores de favelas, mulheres, presidiários, camelôs, trabalhadores de diferentes categorias associadas ao transporte urbano e, mais recentemente, policiais militares, civis e da polícia federal.

Essa inclusão demonstra um avanço em relação as interpretações sociológicas produzidas no Brasil, pois possibilitam uma reflexão mais profunda de grupos sociais que possuem lógicas próprias de inserção no mundo. Por outro lado, muitos cientistas sociais têm chegado à conclusão de que a dualidade entre “bons e maus”, “certos e errados”, “honestos e desonestos” já não expressam toda a realidade de uma sociedade que se apresenta polissêmica, polifônica e extremamente complexa.

Assim, se no passado recente os cientistas sociais buscavam compreender manifestações das camadas populares, tendo como foco de análise os significados associados a pobreza ou sentido que os mais pobres davam às suas vidas em múltiplas perspectivas, na atualidade é possível afirmar que outros atores sociais ganham espaço e visibilidade. É nesse sentido que podemos compreender o interesse dos cientistas sociais por diferentes pesquisas associadas a violência e a criminalidade e, por consequência, os atores que atuam diretamente no combate ou na ampliação destes fenômenos.

Outra dificuldade inerente a este artigo é aquela que limita o pesquisador a apresentar de uma maneira sucinta o fruto de seu trabalho (reflexão) que vai se tornando mais

claro com o passar do tempo até mesmo para o próprio pesquisador. Deste modo, algumas questões que serão apresentadas devem ser compreendidas não como processos acabados, mas etapas de um longo caminho a ser percorrido na busca de um conhecimento específico sobre a polícia e sobre grupos que estão presentes no processo de interação social inerente a atividade de policiamento.

A fronteira entre ficção e realidade é muito próxima e, por vezes, essas duas dimensões de misturam. A realidade inspira a ficção que, por sua vez, retrata a realidade de forma tão fiel que suscita cientistas sociais a desenvolverem análises através desta linguagem. Os filmes tornam-se uma espécie de espelho da realidade. Esse também é o papel que desempenha as ciências sociais, pois suas pesquisas revelam hábitos, comportamentos e sentimentos socialmente construídos, devolvendo para os atores sociais reflexões que, muitas vezes, estes desconhecem.

Em *Tropa de Elite*, temos dificuldade em distinguir os limites entre realidade e ficção. É notório que nessa produção, de grande impacto nos meios audiovisuais, a realidade ganhou contornos mais nítidos e a linguagem da ficção rapidamente foi incorporada a vida cotidiana. É justamente a análise da vida cotidiana que inspira as abordagens sociológicas.

A relação entre a sociologia e seu objeto – as ações dos seres humanos em condições de modernidade – deve, pelo contrário, ser entendida em termos de “hermenêutica dupla”. O desenvolvimento do conhecimento sociológico é parasitário dos conceitos dos leigos agentes, por outro lado, noções cunhadas nas metalinguagens das ciências sociais retornam rotineiramente ao universo das ações onde foram inicialmente formuladas para descrevê-lo ou explicá-lo. Mas este conhecimento não leva de maneira direta a um mundo social transparente. O conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo com a si mesmo como uma parte integral deste processo (GIDDENS. 1991. p. 25).

Retornando a análise, em pouco tempo, a linguagem de *Tropa de Elite* podia ser observada em rodas de amigos, em programas humorísticos, em universidades, etc. além disso, expressões como “pede para sair” ou “você é um fanfarrão” ganharam a “boca do povo” e demonstraram, de certa maneira, a naturalização da violência contidas nessas expressões. Se a ficção reproduz a realidade, podemos afirmar que *Tropa de Elite* produziu um efeito contrário, pois, tornou possível que a realidade reproduzisse a ficção.

Tropa de Elite lança luz sobre um conjunto de relações cristalizadas em nossa sociedade ao apresentar experiências, visões de mundo e uma maneira específica de lidar com a violência urbana. Talvez, seu sucesso se explique por permitir uma quebra de paradigma em relação aos policiais que não são apresentados apenas como opressores, mas também como oprimidos por um conjunto de relações sociais nas quais suas posições são amplamente alternadas. O desvelamento de *Tropa de Elite* consiste em mostrar o homem atrás da farda com suas ambiguidades, incertezas, erros e acertos.

Assim, não se trata da simples análise de um filme. Nossa intenção é compreender um conjunto de situações inerentes ao universo policial e a sociedade brasileira. No filme, a desigualdade brasileira é revelada em suas múltiplas dimensões, ou seja, a maneira como pobres e ricos são tratados pela polícia, a difícil relação entre política e polícia, a naturalização da violência, a sociabilidade como estratégia de sobrevivência, as relações de gênero

e, por fim, o estilo de masculinidade daqueles que fazem valer o “monopólio legítimo da violência” (Weber, 1986).

Obviamente, não temos a pretensão de esgotar a interpretação aberta pelo filme, mas apresentar uma análise através da qual seja possível compreender diferentes dimensões da sociedade brasileira. Para tanto, recortamos algumas cenas do filme que se encaixam na discussão mais geral sobre masculinidade e violência. Acreditamos que tais cenas possibilitam uma melhor compreensão dos valores comuns aos policiais do BOPE e das tropas convencionais. Apesar de se tratar de uma abordagem ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, é possível afirmar que Tropa de Elite reflete elementos estruturais presentes em diferentes Estados que compõem o território brasileiro.

2. Capitão Nascimento: herói ou anti-herói?

Tropa de Elite estreou nos cinemas brasileiros em 2007 e foi um sucesso de público e crítica. No mesmo ano ganhou o título de filme mais visto na história do cinema nacional. Sua análise revela valores associados às práticas policiais que disseminam maneiras específicas de lidar com o problema da violência, assim como valores comuns ao universo masculino.

O filme aborda a saga de Capitão Nascimento, personagem principal, para encontrar alguém que o substitua no comando de uma unidade policial, já que o nascimento do filho provoca o desejo de se dedicar mais a família. Este personagem é apresentado como uma espécie de herói e anti-herói. Apesar de implacável com a criminalidade, fazendo reverberar a frase “bandido bom é bandido morto”, não consegue resolver seus problemas familiares, sacrificando sua vida pessoal em função do trabalho. Nascimento é o narrador de sua própria história e revela a dificuldade de lidar em uma atividade que se encontra na fronteira entre o “legal” e o “ilegal”, já que utiliza de tortura (ilegal) para conseguir confissões que permitirão agir em uma perspectiva legal².

O sacrifício de Nascimento revela um ideal, um desejo de “fazer a coisa certa”, mesmo utilizando meios moralmente condenáveis. Aqui é importante salientar que não se trata de absolvê-lo ou condená-lo, mas compreendê-lo a partir de suas narrativas que revelam parte de sua visão de mundo. Mauss (1999, p.147) analisa o sacrifício.

O termo sacrifício sugere imediatamente da ideia de consagração e poderíamos ser induzidos a crer que as duas noções se confundem. Com efeito, é bem certo que o sacrifício implica sempre uma consagração; em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso; é consagrado. Mas nem todas as consagrações são da mesma natureza. Existem aquelas que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, qualquer que ele seja, homem ou coisa. É, por exemplo, o caso da unção. Um rei é consagrado? Só a personalidade religiosa do rei é modificada; fora dela, nada é mudado. No sacrifício, ao contrário, a consagração irradia-se para além da coisa consagrada; alcança entre outras a pessoa moral que faz os gastos da cerimônia. O fiel que forneceu a vítima, objeto da consagração, não é, no fim da operação, aquilo que era no começo. Adquiriu um caráter religioso

² Para uma profunda discussão sobre as fronteiras entre o legal e o ilegal, ver Telles (2010)

que não tinha, ou desembaraçou-se de um caráter desfavorável que o angustiava; elevou-se a um estado de graça ou saiu de um estado de pecado. Num caso como no outro, está religiosamente transformado.

As observações acima são particularmente interessantes para análise de Tropa de Elite. No filme, é notório o sacrifício dos policiais para participarem desta equipe de elite no combate à criminalidade. A graça de pertencer a um grupo de grande importância, contribui para separar os policiais do BOPE dos policiais que atuam nas tropas convencionais. Passar pelo curso de formação no BOPE atribui honra e prestígio ao policial, tornando-o mais preparado para lidar com a violência urbana. Esse pensamento é apresentado no filme como uma realidade em si. Deste modo, o sacrifício consagra aquele que consegue passar pelas privações do treinamento. Esta é uma honra para poucos e uma desonra aqueles que não conseguem concluir o curso de formação do BOPE para se tornar “caveira”³.

O programa *Profissão Repórter*⁴ exibido em dezembro de 2010 mostrou o árduo treinamento dos recrutas que desejavam entrar para a tropa de elite da Polícia Militar. Na matéria, um recruta afirmou que tentava o curso pela quarta vez e que tentaria quantas vezes fossem necessárias até concluí-lo. Além disso, o programa mostrou partes do treinamento onde os recrutas estavam molhados e tremendo de frio. Em outro momento faziam exercícios físicos e, alguns pareciam próximos à exaustão. Para quem não está acostumado com a rotina, o treinamento é realmente um sacrifício. Alguns policiais tinham calos nos punhos e disseram que depois de algum tempo não sentiam a dor dos ferimentos. A repórter informou que naquele ano um recruta havia morrido no primeiro dia de treinamento porque tinha problemas cardíacos.

Na primeira cena, os aspirantes Matias e Neto tentavam salvar um companheiro de farda que seria morto em uma emboscada realizada por policiais corruptos. A lição aprendida é que “na polícia não se pode confiar em todo mundo e, às vezes, é melhor não confiar em ninguém”. Nesse momento, o triângulo entre Capitão Nascimento e os aspirantes Matias e Neto se forma, pois um deles será escolhido para substituir Nascimento. Ao que tudo indica, a escolha está condicionada a um conjunto de valores identificados nos neófitos. O personagem principal procura nos aspirantes valores próximos ao herói e ao combatente. Entretanto, o tempo é implacável, pois no desenrolar da história, os aspirantes, da mesma forma que Nascimento, transitam suas identidades entre heróis e anti-heróis.

Portanto, cria-se um vínculo de confiança entre Nascimento e os aspirantes, sentimento este, de muita importância no universo de uma profissão onde os vínculos são fluidos e a desconfiança extremamente comum. Por outro lado, quando a confiança é instaurada, ela contribui para segurança dos policiais. O filme retrata bem isso, pois em uma de suas falas, Nascimento afirma: “homem com farda preta entra na favela pra morrer, nunca pra morrer”. Pressupõe-se, deste modo, que os policiais do BOPE vivem em uma verdadeira comunidade na qual a confiança é fundamental para a sobrevivência do grupo.

3 O símbolo dos policiais que integram o BOPE é uma caveira com uma faca gravada por cima. Os policiais afirmam que esse símbolo significa a vitória sobre a morte.

4 Programa jornalístico apresentado semanalmente na Rede Globo de televisão comandado pelo jornalista Caco Barcellos. O programa procura evidenciar os desafios dos repórteres para conseguirem realizar sua atividade profissional.

A favela é o local por excelência no qual o anti-herói executa as mais variadas barbaridades. Ali, o desrespeito aos direitos humanos, a vida e o excesso de violência apresentam o seu lado mais perverso. Nascimento, através de seus valores, mostra que a oposição entre “bandidos” e “mocinhos” não é suficiente para compreender as tramas sociais que são reforçadas pela ficção. As fronteiras entre a realidade e a ficção são porosas e intercambiáveis.

Tropa de Elite, aborda um tema bastante delicado que é a relação entre o tráfico (traficantes), o consumo (usuários) e a polícia (que, muitas vezes, se beneficia dessa relação). Assim, jovens de classes média se eximem da responsabilidade no tocante a sua participação como consumidores de drogas, financiadores do tráfico e, por consequência, financiadores da violência. Entre os policiais, a associação entre violência, tráfico e consumo é comum. Ela contribui para grande parte da violência que os policiais combatem cotidianamente. Para eles, jovens usuários de drogas financiam o tráfico através do consumo e depois reclamam dos índices de violência.

Talvez, por isso, Capitão Nascimento seja implacável quando encontra jovens usuários, de classe média, consumindo drogas em uma boca de fumo na favela. Ele agride energicamente um jovem de classe média, após matar um traficante e esfrega o rosto do usuário no sangue do jovem morto. Nascimento pergunta: *“você sabe quem fez isso aqui? Foi você, deixando claro que o consumo alimenta a violência.* Neste momento surge o anti-herói que sabe que, em sociedades hierárquicas e com altos índices de desigualdade social, jovens de classe média não serão tratados de maneira igual aos jovens traficantes e moradores das favelas. Aos jovens de classe média as benesses de um sistema de Justiça extremamente injusto.

Entretanto, compreender o consumo de drogas também é um desafio. Velho (1998) aborda o consumo de drogas entre os moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias cariocas que utilizam regularmente tóxicos. O autor revela que na visão deste grupo as pessoas são classificadas em função de sua relação com os tóxicos. Assim, o estilo de vida, as festas e o próprio consumo de drogas são constituintes da identidade grupal que compartilham e que marca fronteiras com grupos sociais que não compartilham o mesmo estilo de vida. Deste modo, acredito que os jovens universitários retratados no filme se aproximam em relação ao estilo de vida, mas se distanciam em relação à geração do grupo descrito por Velho.

3. O treinamento: onde os fracos não têm vez

Tropa de Elite apresenta o duro treinamento pelo qual todos que pretendem se tornar “caveiras” devem passar. Os limites são testados ao máximo e não é fácil compreender as motivações que levam os indivíduos a se inscreverem em um curso no qual a possibilidade de sucesso é bastante reduzida. Talvez, a honra em pertencer a um grupo de elite respeitado nacional e internacionalmente explique parte das motivações daqueles que se inscrevem no curso.

A cerimônia de abertura do curso é um momento de muita pressão sobre os alunos. Nascimento afirma que eles não são bem-vindos naquele espaço. Curiosamente, a hierarquia tão presente na instituição policial é extinta, pois oficiais e praças inscritos no curso de formação são identificados por um número. Os instrutores ressaltam que os alunos “nunca

serão” caveiras. Agressões, ofensas e humilhações estão presentes no “treinamento”. Para pertencer a tropa de elite, os alunos precisam mostrar que estão dispostos a fazer o sacrifício necessário. O corpo é levado ao limite. Superar a fome, a dor, o sono e até mesmo postergar as necessidades fisiológicas é condição *sine qua non* para cumprir a missão. Deste modo, é possível compreender a relação entre corpo e masculinidade. Cecchetto (2004. p. 73), em sua análise sobre estilos de masculinidade informa:

Como nossa proposta é pesquisar a construção social da masculinidade, vale a pena expor algumas ideias sobre o corpo. Seja porque o uso do corpo é um critério imperante na definição dos estilos, seja porque o que se sugere é a importância dada à aparência ou às marcas no corpo de adeptos das três modalidades de lazer, o corpo está ligado diretamente à temática da identidade, da sociabilidade, da violência e das relações entre os sexos. Por outro lado, nem é preciso dizer que o corpo é básico para se entender a construção social da masculinidade.

Além de levar o corpo ao limite, o filme revela a importância da integração entre os recrutas no sentido construir esse ethos guerreiro tão importante para identidade profissional dos policiais do BOPE. Assim, um instrutor entoava uma canção: *Tropa de Elite o que é que você faz?* Os alunos respondem: *Eu faço coisas que assustam satanás*. Novamente o instrutor: *Tropa de Elite qual é sua missão?* Os alunos imediatamente respondem: *Entrar pela favela e deixar corpo no chão*.

A canção revela valores que transitam entre os policiais do BOPE. Afinal, “assustar satanás” é uma maneira de reafirmar que não temem nada, nem mesmo satanás. Aliás, o medo pode ser um sinal que algo não está bem. O medo revela uma fraqueza combatida pelos instrutores que desejam despertar nos alunos um “ethos guerreiro” fundamentalmente importante para pertencer a corporação. Por outro lado, reforça atributos como a força, a virilidade e o poder de pertencer a um grupo que opera no universo mágico-religioso e no de ordem prática. Contudo, ter como missão entrar na favela e deixar corpo no chão é substancialmente afirmar que o soldado do BOPE entra na favela para matar, nunca para morrer, como afirma Capitão Nascimento.

Essa questão, revela que no universo masculino elementos comuns ao universo feminino devem ser combatidos. Assim, medo, fraqueza, sentimentalismo são elementos que não devem estar presentes entre policiais que desejam pertencer a um grupo de elite como o BOPE. Porém, muitas sociedades criam meios para separar o masculino e o feminino. Badinter (1993. p. 72) revela o processo de iniciação masculina entre os Sambia:

Entre os Sambia, da Nova Guiné, é o som das flautas que anuncia o começo de iniciação dos meninos. Arrancados de surpresa de suas mães, eles são levados para a floresta, onde durante três dias são chicoteados até sangrar, para a pele se abrir e estimular o crescimento. São batidos com folhas de urtiga e devem sangrar pelo nariz para se desembaraçarem dos líquidos femininos que os impedem de se desenvolver. No terceiro dia, lhes é revelado o segredo das flautas, o qual jamais deverão revelar às mulheres, sob pena de morte.

No planejamento do curso, o comandante do batalhão adverte aos instrutores que não queria ver nenhum policial ferido. Nascimento afirma que no curso anterior, um aluno se feriu sozinho quando segurou a ponta de uma faca. O comandante do batalhão sabe que excessos são comuns, mas Nascimento responsabiliza a vítima (o aluno) pelo ferimento que lhe fora imputado por algum instrutor que passou dos limites.

Storani (2008) revela que na cerimônia de abertura do COEsp⁵ 2006 ocorreu um método chamado de carrossel, onde o instrutor do curso se posicionou para a prática do polichinelo, guiando a execução de dez repetições. O carrossel foi repetido inúmeras vezes e ao final os alunos realizaram duas mil e trezentas repetições de exercícios. Os alunos que demonstraram cansaço eram hostilizados pelos instrutores:

Após o terceiro rodízio, o que significa três voltas no carrossel, alguns alunos começavam a dar sinais de cansaço. Este acontecimento era a senha para que os convidados, que se mantiveram em silêncio, iniciassem as hostilidades verbais contra os “fracos”. Provoações e adjetivações pertinentes às incapacidades dos alunos, que demonstravam “fraqueza”, eram as tônicas das críticas: “pede para sair seu [sic] aluno X, aqui não é o seu lugar, o senhor é um fraco, volte para o seu batalhão de invertebrados e pela-sacos”; e “o senhor aluno Y está escamoteando”, tá [sic] roubando! Se não aguenta os exercícios, pede para sair seu merda [sic]. (STORANI: 2008:80)

A partir da narrativa de Nascimento podemos deduzir que para entrar no BOPE, o aluno tem que provar que é “homem de verdade” e, além disso, que possui valores masculinos. Tal como os jovens sambias que passam por uma dura iniciação para se tornarem homens, os policiais que fazem o curso do BOPE passam por uma dura iniciação para provar que são “super-homens” que suportam todas as intempéries relacionadas ao processo de formação. No BOPE busca-se um retorno ao “estado de natureza” ou a um “espírito selvagem”, onde características instintivas são relacionadas a um alto grau de responsabilidade e técnica que o policial deve ter. Para ser caveira, é necessário ser guerreiro, selvagem, civilizado e técnico ao mesmo tempo.

A cena na qual o capitão Nascimento pressiona um aluno a desistir é emblemática. Ele diz ao aluno: *“você acha que ninguém aqui sabe que você recebe dinheiro do tráfico? Você acha que ninguém aqui sabe que você recebe dinheiro do jogo do bicho? O senhor sabe por que o seu número é 01?”* Ele mesmo responde: *“é porque o senhor vai ser o primeiro a desistir. E eu (Nascimento cospe no rosto do aluno) vou fazer o senhor desistir.”* Depois de tapas, insultos e demonstração de poder, o aluno 01 grita *eu desisto*. Nascimento em êxtase comunica aos seus companheiros que o aluno 01 havia desistido. Tal feito é comemorado pelos outros instrutores.

Essa cena é importante porque reforça valores que estão presentes no universo dos policiais do BOPE. Assim, não se tolera corrupção, acordo com traficantes, contravenção associada ao jogo do bicho. Para pertencer a esse grupo, é necessário que não haja mana chas no passado do policial. O êxtase de Nascimento só chega ao fim quando ele consegue

5 Curso de Operações Especiais que habilita o aluno a se tornar membro do BOPE.

sua finalidade que é “separar os corruptos” dos que não tiveram o nome manchado pela corrupção. É interessante notar que o filme associa a corrupção somente as tropas convencionais.

A fronteira simbólica entre separa caveiras e alunos é marcada de muitas maneiras. Enquanto os policiais do BOPE se caracterizam pela vestimenta preta, os alunos estão vestidos com fardas camufladas. Cada aluno possui um número que além de distingui-lo entre seus pares, marca sua antiguidade ou seu posto em relação aos demais. A perda da identidade se dá quando são identificados pelos números que portam na farda. A hierarquia só existe entre instrutores e alunos. A patente não importa naquele contexto, pois todos são iguais.

Em outro momento, Nascimento afirma que de cada cem policiais que fazem o curso, apenas cinco chegam ao fim. Concluindo que em seu ano, apenas três policiais conseguiram finalizá-lo e que para lutar na guerra contra o tráfico, o cara tem que ser capaz de aguentar tudo.

O momento que os alunos vão “almoçar” é bastante significativo. O instrutor pergunta ao xerife responsável pelo pelotão quanto tempo ele queria para que os alunos comessem. O xerife afirma que dez minutos seria suficiente. Os instrutores começam a rir e Nascimento lhe chama de “fanfarrão”. Após, diz que todos teriam dez segundos para almoçar e a comida é jogada no chão. Nascimento afirma que quando os policiais terminassem ele queria ver o chão limpo.

Os dez segundos terminam e ainda sobra comida no chão. Nascimento questiona os policiais: eu posso saber o que essa comida está fazendo aqui no chão? O senhor acha justo num país como o Brasil onde as pessoas estão passando fome, senhor 06, os senhores deixarem essa comida aqui no chão porque os senhores estão com nojinho, senhor 06? O aspirante Neto responde: não senhor. Nessa hora, outro instrutor denuncia que o aluno 02 não havia comido. Nascimento ordena: então o senhor ajoelhe e coma a comida agora. Eu quero ver o senhor comer essa comida inteira, senhor 02. Sem frescura. Se o senhor não comer essa comida inteira, esse turno inteiro vai passar a madrugada na água. O policial 02 não suporta e sente náusea. Nascimento o adverte: 02, se o senhor vomitar na comida dos seus colegas, os seus colegas vão ter que comer essa merda vomitada, porque o senhor vomitou senhor 02.

A situação piora quando o aluno passa mal e vomita sobre o resto de comida que ficou no chão. Nascimento ordena aos alunos que eles deveriam comer novamente a comida. Desta vez, com um pouco de vômito. Os policiais não têm outra opção e se jogam, mas desta vez deixam o chão limpo.

4. Morte e vingança

Depois de meses de treinamento, Nascimento finalmente escolhe Neto como seu sucessor. Neto foi eleito porque foi um dos poucos que teve disposição para finalizar o curso naquele ano. Matias também foi aprovado no curso. Assim que conseguiu seu objetivo, Neto foi “pra guerra” e em pouco tempo havia matado um número grande de traficantes.

Nascimento afirma que o curso prepara os policiais para a guerra e não adianta ninguém dizer que isso é desumano. Ele alega que enquanto os traficantes tiverem dinheiro para se armar, a guerra continua.

Assim, a guerra é apresentada como a única forma de resolver o conflito urbano que coo-locam em um mesmo espaço, apesar de interesses distantes, policiais, traficantes e usuários de drogas. Essa integração perversa alimenta muitos conflitos na cidade do Rio de Janeiro. Novamente, as fronteiras entre realidade e ficção se embaralham quando a mensagem divulga a “guerra” como a única solução para “paz”.

Após ir para a guerra, Neto é descoberto por um grupo de traficantes e, por isso, foi sentenciado a morte. Isso desperta uma crise em Nascimento que, após esse episódio, não descansará até vingar a morte de seu escolhido. Para ele, os traficantes sabiam que matar um policial do BOPE é o mesmo que decretar a própria sentença de morte. O filme prossegue e Nascimento realiza uma verdadeira “caça” ao traficante que matou seu sucessor. Cenas de direitos dos moradores da favela sendo desrespeitados se tornam comuns, nada diferente da realidade em si. Casas são invadidas sem mandado judicial; pessoas são agredidas e suspeitos são mortos. O espírito de uma vingança privada de Nascimento não possui limites. Ele não descansará até matar o “dono do morro”.

Apesar de uma aparente unidade das práticas policiais, o filme revela que alguns policiais não estavam de acordo com as ações violentas do capitão Nascimento. Apesar de alertado, ele está decidido a encontrar o assassino de seu escolhido custe o que custar.

A cena de um jovem traficante sendo torturado para revelar onde estava o “dono do morro” é forte. O jovem traficante foi torturado por horas com socos e pontapés, teve a cabeça colocada dentro de um saco plástico para que não pudesse respirar e, mesmo assim, se manteve firme. Entretanto, quando Nascimento ordena a um policial que ele enfie um cabo de vassoura no cu do jovem, imprimindo a este não apenas uma dor física, mas destruindo sua identidade e afetando sua virilidade, o jovem traficante não tem outra escolha e diz: eu falo.

Essa cena é especialmente interessante porque revela que o jovem somente decidiu delatar o esconderijo do “dono do morro” quando sua masculinidade estava prestes a ser destruída. A dor da tortura ele aguentou firme, mas ter o cu penetrado por um cabo de vassoura seria uma desonra enorme para um jovem que preza valores atrelados a masculinidade. Da mesma forma que muitos policiais, jovens traficantes compartilham um forte ethos associado a masculinidade. Assim, força, virilidade, disposição para aguentar a dor ou para trocar tiros com policiais são signos importantes de masculinidade de jovens traficantes.

Na última cena do filme, depois de muita insistência e barbaridades praticadas por Nascimento, o “dono do morro” é encontrado. Quando percebe que “a casa caiu”, ele tenta correr, mas leva um tiro e cai. O “dono do morro” pede que seja levado ao hospital, mas Nascimento implacavelmente lhe decreta a sentença: a morte, no melhor estilo “olho por olho, dente por dente”. Em seu último pedido, o traficante pede para que não atirem na cara para não estragar o velório. A vingança está quase chegando ao fim. Nascimento pega uma escopeta calibre 12 e a entrega para Matias. Este era muito amigo de Neto e, na visão de Nascimento, ele deveria ter a honra de vingar-lhe a morte. Era preciso passar por seu último teste para se tornar caveira e, assim, substituir o capitão Nascimento. Matias aponta a arma diretamente no rosto do traficante e atira. O tribunal do terror se desfaz e a vingança apresenta a realidade de uma sociedade autoritária, injusta e desigual.

5. Considerações finais

Nascimento foi considerado um herói por muitos e anti-herói por poucos. Mas diferentemente do herói que salva vidas e resolve problemas das pessoas comuns, ele é um herói que sofre com problemas familiares, que toma remédios para suportar a pressão diária e que coloca o seu trabalho em primeiro lugar. Apesar disso, também é anti-herói quando utiliza de meios socialmente reprovados para atingir seus objetivos. Afinal, não se imagina um herói cuspiendo no rosto, agredindo ou torturando pessoas, mesmo que seus objetivos sejam compreensíveis.

Para vingar a morte de Neto, ultrapassa limites e ao ultrapassá-los demonstra o seu lado anti-herói, pois ao fazer “justiça com as próprias mãos” não deu direito ao acusado de ter um julgamento justo e de acordo com o código jurídico de uma sociedade onde se pretende que os direitos prevaleçam. Este personagem é interessante porque apresenta seu lado incorruptível, suas fraquezas e ambiguidades.

O filme mostra Nascimento marcado pela certeza em um universo social repleto de incertezas. Talvez, isso o torne tão familiar a muitos que assistiram ao filme e contribuíram para sua audiência. Apesar de ficção, Tropa de Elite fez um enorme sucesso porque apresentou uma versão que até então era desconhecida da sociedade. A ficção retrata a realidade tornando-a mais nítida. Isso permitiu que pensássemos nos dilemas de uma profissão que, na maior parte das vezes, é extremamente desprezada.

É importante afirmar que os policiais constituem um grupo fundamental para a manutenção da ordem nas sociedades modernas e Tropa de Elite revelou que estes profissionais possuem dilemas muito semelhantes aos brasileiros em geral. A farda torna invisível o indivíduo que a veste e nos enganamos quando deixamos de ver pessoas por traz dela. A atividade policial incita a ruptura com a dualidade a qual estamos acostumados e nos provoca a compreender a realidade em múltiplas dimensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CECHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004

GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. Tradução de Raul Filker. São Paulo: Editora UNESP, 1991

MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício*. In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999

STORANI, Paulo. *Vitória sobre a morte. O rito de passagem na construção da identidade dos Operações Especiais do BOPE/PMERJ*. Mestrado em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, 2008

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2010

VELHO, Gilberto. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

WEBER, Max. *A política como vocação*. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro. LTC Editora, 1982.